

Mensagem a Trento
lembranças, idéias, utopias e propostas
para um encontro entre educadores
com este título:
“políticas locais para a escolas globais”

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.
Nesta versão “nas nuvens”
ele pode ser livre
e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.
Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira
ser acessados livremente em
www.apartilhadavida.com.br
ou em
www.sitiodarosadosventos.com.br
LIVRO LIVRE***

América Latina fue el espacio original y el momento inicial de formación del capitalismo colonial/moderno. Hoy es, por fin, el centro mismo de la resistencia mundial y de la producción de alternativas contra este patrón de poder.¹

“La humanidad busca una respuesta y todos los pueblos indígenas originarios plantean para esta crisis de la vida el paradigma de la cultura de la vida, que es naturalmente comunitario. El paradigma de la cultura de la vida emerge de la visión de que todo está unido e integrado, y que existe una interdependencia entre todo y entre todos”.

Como ya se puede entender, hay aquí toda una filosofía de la vida, si concebimos a la filosofía em su sentido etimológico original como el amor del saber o la sabiduría, que también se puede traducir al revés, como la sabiduría del amor. Solo que em este caso de la filosofía andina, como explica Atawallpa Oviedo, se trata de “saber amar a la vida”.

Um papa argentino e um presidente indígena da Bolívia

Na imagem que correu o Mundo, um Papa argentino abraça um presidente de uma república da América Latina. Ambos se olham e sorriem um para o outro. E carregam na cabeça chapéus de palha de camponeses. No do Papa não há escrito algum em Latim, mas há uma palavra em uma língua indígena de que se podem ler as primeiras letras “Tahuich...”. Evo Morales, o presidente, veste um casaco negro, e nele está estampada a figura conhecida do guerrilheiro Ernesto Che Guevara. Um outro argentino, participante da Revolução Cubana e morto, junto com os seus guerrilheiros, nas selvas da mesma Bolívia, não muito longe do Brasil onde muitos anos antes eu nasci. Que esta imagem bastante atual seja a porta de entrada de nosso diálogo.

Desde onde eu falo a vocês

Suma Qamaña, Sumak Kawsay, Balu Wala... estariam vocês que escutam agora uma voz latino-americana vinda de longe, abertos a ouvir e buscar compreender o sentido dessas estranhas palavras vindas de idiomas indígenas andinos, como o Quéchuá e o Aymara?

Talvez outras palavras vindas também – mas não apenas – do “Sul do Mundo”, mas criadas e partilhadas por outras pessoas, entre afrodescendentes quilombolas, camponeses em luta pela terra ou professores de antropologia e de educação como eu, sejam mais corriqueiras também entre vocês: “transformação”, “libertação”, “emancipação”, “revolução”, “luta”, “liberdade”, “movimento”, “povo”, “popular”, “movimento popular”.

¹ Esta passagem foi tomada do livro *Buen vivir, vivir bien – una utopia em proceso de construcción*, de Alfonso Ibañez e Noel Aguirre Ledezma. É também a epígrafe do livro.

² Esta longa epígrafe foi tomada das páginas 71 e 72 do mesmo livro. Toda a parte inicial entre aspas veio do artigo de Fernando Huanacani, *Paradigma occidental y paradigma indígena originario*, publicado em *América Latina em Movimento*, n. 452, ano XXXIV, II, Épocal, 2017. Na página 17.

Mas será preciso que eu diga em um breve relato a vocês de onde venho nestes últimos meses, para que vocês compreendam por onde andei e o que ouvi e falei antes de chegar a Trento, para escutar com atenção vocês e, agora, dizer “desde el Sur y desde los de abajo” algumas palavras.

Há pouco mais de um ano nós estávamos, entre educadoras e militantes sociais, reunidos em Turim, aqui na Itália. E reunidos para o que? Para participarmos de um *Fórum Internacional Paulo Freire*. Ora, 53 anos depois de o professor Paulo e sua primeira equipe haverem criado no Nordeste do Brasil o que mais adiante veio a se chamar de *Educação Popular*, e 17 anos após a morte de Paulo Freire, em seu nome e para pensar a atualidade de suas idéias e propostas, estávamos nós, pessoas vindas dos cinco continentes, reunidos para dialogarmos sobre a mesma coisa que, talvez com outras palavras, mas muito próximas e semelhantes, nos reúne aqui em Trento.

Antes e depois do *Fórum Internacional* em Turim eu estive viajando desde Buenos Aires, Lujan e Neuquen, na Argentina, até Bogotá, Medellín e Popayan, na Colômbia. E também no Brasil participei de encontros desde o Extremo-Sul ao Extremo Norte, na Amazônia Brasileira. Estive reunido com pessoas como vocês aqui: professoras, diretoras de escolas, educadoras populares, educadores do campo, ativistas sociais. Mas também ouvi falarem militantes camponeses, representantes de comunidades de negros quilombolas, indígenas de diversas etnias e nações de povos originários. Mulheres e homens dedicados a sonhar juntos (e a não acordar do sonho, mas acordar no sonho!), e a pensar como praticarmos uma outra educação como uma outra ação social de vocação política devotada não tanto a tentar tornar algo melhor e mais humano o Mundo que deste o Norte ao Sul do Equador, aí está, e nos é apresentado pelos senhores do poder e do capital como “o único mundo possível”. O que nos movia e espero que os mova aqui, é o desejo de educarmos e lutarmos em nome de “um outro Mundo possível”.

E tanto nos anos 60 quando nos anos das décadas seguintes e até hoje, em um novo século e milênio, nós nos reunimos entre a Patagônia, os Andes e a Amazônia, em nome de algumas esperançosas inovações que se não nasceram inteiramente em solo e entre mentes latino-americanas, mas que encontraram aqui o chão onde, semeadas, elas cresceram e, entre lutas, sofrimentos e realizações, souberam um dia fazer brotarem suas flores e seus frutos.

Lembro alguns nomes, algumas idéias, algumas propostas, e algumas práticas e ações de vocação inovadora, que por uma primeira vez depois de séculos, fizeram pessoas e grupos humanos do “Primeiro Mundo” virem até nós, na América Latina, para nos lerem, para nos ouvirem, para dialogarem conosco e aprender entre nós, “no Sul do Mundo, algumas outras formas de inovar o antigo, de pensar o novo e de ousar o transformador.

Falo de palavras conhecidas de vocês. Mas como é delas que venho e como participei ao longo de minha vida, desde o ano de 1961, da criação de cada uma delas, creio que devo trazê-las de novo à memória e ao coração de vocês. Afinal, é delas que venho aqui, e é em nome delas que eu desejo vir falar a vocês, tão ao Norte de meus mundos. Mas tão irmanados conosco em nossas esperanças de aprendermos um dia a criar uma educação que de fato não apenas forme, mas transforme. E não apenas transforme mentes e corações, mas também comunidades humanas, instituições políticas e, no horizonte, um Mundo e a sua Humanidade.

Entre o começo dos anos sessenta e os anos oitenta – justamente quando várias nações da América do Sul caíram sob o jugo de ditaduras militares (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Uruguai) - desde ações sociais desenvolvidas junto a diferentes segmentos dos povos latino-americanos, e em nome de movimentos sociais populares de então, A América Latina gerou, dialogou e difundiu algumas

ideias e práticas que, juntas, tornaram-se um sólido e desafiador fundamento de novas ideias e ações no campo da educação, entre outros.

Elas são: 1°. A novidade dos movimentos populares, de que as *Comunidades Eclesiais de Base* e o *Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra – MST*, são exemplos; 2°. A mobilização de grupos tribais, de etnias, de nações e de comunidades indígenas e de outros povos originários (índios) ou remanescentes da escravidão (afrodescendentes); 3°. A *teologia da libertação* e as suas variantes, como a *filosofia da libertação* e a *psicologia da libertação*; 4°. Os *movimentos de cultura popular, origem da educação popular*; 5°. As experiências de criação de modelos *de escolas públicas* a partir de vocações sociais e populares de mudança, que da educação popular ampliaram muito o embrião de uma educação de fato aberta, dialógica e multicultural; 6°. A *investigação-ação-participativa*; 7°. a eclosão e a rápida expansão de novas ideias, desde arcaicos modos de vidas indígenas, inovados como novas alternativas de relações entre os Seres Humanos e o Mundo da Vida de que somos parte e partilha. Exemplos: a proposta do *Bem Viver/Viver Bem = Sumak Kawsay, Suma Qamaña, Balu Wala*, na língua dos povos andinos; 8°. As recentes experiências concretas de relação com a natureza e de produção de alimentos e de outros bens de uso humano dentro de novos padrões de agricultura orgânica, de agrosilvicultura, de agroecologia, de economia solidária, etc.

Antes de me dirigir a vocês a partir daquilo que ouvi e vivi nestes dias em Trento, devo lembrar que por detrás dos nomes de criações latino-americanas que vão da *Teologia da Libertação* à *Educação Popular* ao longo de mais de 30 anos, o que vivemos em nome delas não foram apenas idéias e experiências. Para tomar apenas uma delas, creio que raramente no Mundo, um trabalho militante através da educação, como o de educadores populares da América Latina terá levado tantas moças e rapazes, tantos adultos educadores, mulheres e homens, à prisão e ao exílio, à tortura, à humilhação e à própria morte. Enfim uma educação desafiou o poder estabelecido. E o poder reagiu como sempre, silenciando o que não soube compreender e percebeu como uma ameaça.

Assim, penso não estar aqui falando a você a partir de uma apenas pedagogia a mais entre tantas. Falo em nome de uma “Pedagogia do Oprimido”. Falo a vocês desde uma educação que ousou pensar que também a partir dela, a educação, seria possível formar e gerar outras pessoas, outras sociedades e, no horizonte, um outro Mundo.

A educação Popular hoje, na atualidade de nossos dias

Mas desde que “educação” venho falar a vocês, como uma voz que “chega do Sul do Mundo” e que pretende falar não de um passado realizado, mas do presente e do futuro que nos unem e irmanam?

Lembro aqui uma alternativa, uma modalidade, uma ousadia, uma vocação de educação que desde as suas origens até hoje possui em síntese três princípios: 1ª. Ela se apresenta como uma educação não apenas estendida ao povo, como um quase sempre esquecido direito universal, mas como uma educação a serviço do povo, de suas condições, de seus projetos e de suas frentes de luta em nome de sua emancipação e a de sua sociedade; 2ª. Ela é uma modalidade de educação cujo ponto origem e o lugar do destino estão no *diálogo* entre pessoas, entre classes sociais e ente culturas diferentes, mas de modo algum desiguais; 3ª. Ela parte do princípio de que sua vocação não é a de preservar saberes, de transmitir a tradição e de apenas aperfeiçoar pessoas para o mundo que aí está. Sua vocação está em de transformar desde as suas raízes, pessoas, mentes, comunidades e a própria

humanidade. Entre nós é corriqueira esta trilogia de frases: “A educação não muda o mundo. A educação muda as pessoas. As pessoas mudam o mundo”.

Escrevi nos últimos dois anos alguns artigos e livros sobre a atualidade da *educação popular*: suas origens, sua trajetória e seus dilemas e esperanças para agora³. No entanto, é de dois amigos colombianos que quero trazer uma síntese do que pensamos ser uma *educação popular transformadora e emancipadora* para o Mundo – e não apenas a América Latina – de agora.

Retomando as decisões do CEAAL – *Consejo de Educación de Adultos de América Latina*, Alfonso Torres Carillo em seu livro *La educación popular – trayectoria y actualidad*, aporta a seguinte síntese a respeito do que caracteriza a atualidade da *Educação Popular* nos dias de agora:

- *La comprensión crítica de la realidad para su transformación*
- *A través del diálogo de saberes*
- *Animado por educadora o educador popular*
- *Com una opción ética por los sectores empobrecidos*
- *Y que enfatiza em la autoconstitución de sujetos*⁴.

Este conjunto de principios básicos desdobra-se no que entre nós na América Latina configura os “traços definitórios de toda prática de educação popular”.

- *Su lectura crítica del carácter injusto de la sociedad y del papel que juega la educación*
- *Su intensionalidad política emancipadora*
- *Considerar a los sectores populares como sujetos de su emancipación*
- *Buscar incidir em la subjetivade de los educandos y educadores*
- *Poseer unas metodologias participativas y dialógicas*⁵.

São semelhantes as idéias de um outro militante da educação popular na América Latina, Marco Raul Mejia. E eu as transcrevo aqui tal como escritas em seu livro *Educación popular em el siglo XXI*, porque considero que ele amplia a síntese de Alfonso Torres. Quais seriam as idéias fundadoras de uma educação popular para os tempos de agora?

- a. *Su punto de partida estriba em la realidad y una lectura crítica para reconocer los intereses presentes em el actuar y em la producción de los diferentes actores.*
- b. *Implica una opción básica de transformación de las condiciones que producen injusticia, explotación, dominación y exclusión de la sociedad.*
- c. *Exige una opción ético-política em, desde y para los intereses de los grupos excluidos y dominados, para la supervivencia de la Madre Tierra.*

³ Um dos artigos é *A educação popular antes e agora - Lembranças de ontem, perguntas de agora*, publicada em Dossier – Revista del Ilce/32, 2014, Buenos Aires, páginas 9 a 26. O outro é *Educação Pública, educação popular, educação alternativa e educação do campo*, ainda inédito e a ser publicado também na Argentina e no Brasil.

⁴ Está na página 72 do livro acima mencionado de Alfonso Torres Carrillo.

⁵ Páginas 72 e 73 do mesmo livro.

d. Construye el empoderamento de excluidos y desiguales, y propicia su organización para transformar la actual sociedad en una más igualitaria y que reconozca diferencias.

e. Construye mediaciones educativas con una propuesta pedagógica basada en procesos de negociación cultural, confrontación y diálogo de saberes.

f. Considera la cultura de los participantes como escenario en el cual se dan las dinámicas de intraculturalidad, interculturalidad y transculturalidad de los diferentes grupos humanos.

g. Propicia procesos de autoafirmación y construcción de subjetividades críticas.

h. Se comprende como un proceso, un saber practico-teórico que se construye desde las resistências y la búsqueda de câmbios alternativos a las diferentes dinâmicas de control de la sociedad.

i. Genera procesos de producción de conocimientos, saberes y de vida, con sentido para la emancipación humana y social.

j. Reconoce dimensiones diferentes en la producción de conocimientos y saberes, en coherencia con las particularidades de los actores y las luchas en las cuales se inscriben⁶.

Em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, escrito já no exílio, Paulo Freire chama a educação tal como, inclusive nas escolas públicas ela é praticada, de uma “educação bancária”. E chama à proposta que anuncia, de “educação libertadora”. Estes dois adjetivos podem soar algo “fora do tempo”, 50 anos depois. No entanto é preciso guardar deles a sua força original. Uma força de denúncia no “bancário” de uma educação que importa da lógica e do poder do mundo do mercado tudo o que a escola da sociedade capitalista deve realizar, mesmo quando em nome de uma pretensa “formação cidadã”. Uma força de esperança e de transformação em “libertadora”. Pois se trata de propor uma nova pedagogia dialógica e emancipatória, a partir da qual pessoas se autonomizem, se inter-libertem e libertem as suas sociedades de vida, tão opressoras nos anos 60 quanto agora.

De tudo o que nos importa neste Encontro em Trento, creio que a palavra que mais nos une e desafia é: “diálogo”. Sim, porque tanto no Nordeste do Brasil em 1961 quanto aqui em Trento, neste final de 2015, tudo o que possa ser pensado e vivido como a educação que aspiramos construir e praticar, tem o seu fundamento na idéia de que todo acontecer pedagógico – dentro e fora das salas de aula e das escolas – está no suposto de que educar é partilhar aventura coletiva de criar saberes e sentidos e, depois, compartilhar o que dialogicamente se cria, como um caminho sem limites para todos os seus participantes: educadores-educandos e educandos-educadores.

A educação popular consagra no diálogo não apenas uma metodologia de valor e de atuação pedagógica, de que o “círculo de cultura” seria a mais conhecida imagem. O diálogo é, nela, o começo e o final de todo o acontecer do ensinar-a-aprender. Em suas formas mais radicais – aquela que eu

⁶ Entre as páginas 18 e 28 de *Educación popular em el siglo XXI*.

pessoalmente assumo – a sua “palavra de ordem” é uma assumida e inicial “desordem pedagógica”. É a ideia de que com um mínimo de propostas de base, tudo o que se realiza como e através da educação popular parte de um encontro tão igualitário quanto possível e imaginado de saberes e significados. De uma “turma de alfabetizandos” a uma instituição ampla de criação de uma “proposta de educação popular”, são coletivos tão igualados e igualitários de poder de pensar, dizer e decidir aqueles que geram e gerenciam um trabalho de educação popular⁷.

“Polítiche Locali per scuole globale - Em nome de uma escola local como uma fronteira aberta e global de uma humanamente planetária

1º. do local ao global – do “meu lugar” a “toda a Terra”

Começemos por pensar, como educadores, o que devemos entender por “local” e por “global”, palavras geradoras na própria proposta deste *Encontro*. Ousemos pensar estas duas palavras de uma tal maneira, que um outro sentido dado a elas possa romper ou estender bastante a compreensão que em geral temos delas.

Defendo aqui que o *local* não é um lugar geográfico. O *local* é um evento. Ele existe em um tempo que gera um espaço, um lugar. Eu não habito um *local*, assim como não moro num lugar. Sempre um *nós*, cria um lugar. Sempre um *nós* e um entre-nós inaugura o *local*. Há, e somente há uma *dimensão local* na vida e no mundo, quando em um “aqui-e-agora” duas ou mais pessoas compartilhem, através de um encontro que é um reconhecimento e uma acolhida, o *local* que a sua criativa e amorosa interação funda e estabelece. O *local* não é a moradia do solidário, mas a morada dos solidários. E ele não é também o lugar de uma multidão em que pessoas estão perto umas das outras, sem estarem juntas. Sem compartilharem o “estar aqui” que elas criam para com-viverem o *local* que criaram e que agora compartilham.

Sendo assim, um evento continuamente criado e recriado através da acolhida do Outro e através da construção de um *entre-nós*, o *local* é também um evento-lugar perenemente aberto.

Temos uma visão romântico-individualista do local como o lugar onde estamos-no-que-é-nosso, por oposição ao de todos-os-outros. Os não-do-local ou, muitas vezes, os deserdados, os “sem-lugar”, os “deslocados”, ou seja, os retirados de um seu-local. Quase seria acertado pensar o *local* como o espaço-evento do *entre-lugares*. Um estar-com entre fronteiras abertas. Habitamos mais os caminhos que nos levam aos outros do que o lugar onde nos protegemos deles.

De igual maneira podemos pensar e praticar uma educação em direção ao *global*. Mas... qual “global?”

E o que significa aqui a palavra *global*? Na América Latina, entre militantes de causas sociais e populares e educadores populares, costumamos ler a palavra “global” e a sua derivada “sociedade globalizada”, como uma gramática da expansão neoliberal, e de seu controle político e econômico, juntamente com a sua colonização cultural. Uma colonização que desde “locais” pensado não como comunidades e sociedades humanas, mas como uma pura e simples dimensão de um “mercado”. Uma

⁷ Esta é uma passagem de meu artigo: *educação pública, educação popular, educação alternativa e educação do campo*.

colonização que desde o mais mínimo *local* ao mais amplo *global* se apropria inclusive de uma educação tornada mercadoria, e colocada a serviço de projetos de controle pragmático, funcional e competitivo de mentes e de pessoas.

Assim sendo, em geral preferimos opor “global” a “planetário”, deslocando o sentido desenvolvimentista e regido por interesses de uma mera regulação do sistema capitalista (Boaventura de Souza Santos) contido em “global”, em “economia globalizada” e em “sociedade globalizada”, em direção à idéia de que somos seres destinados a compartilharmos planetária e solidariamente o nosso único lar, o Planeta Terra, “La Madre Tierra”, “La Pachamama”.

Assim, podemos pensar um *global* que, tal como o *local* escrito linhas acima, seja a expansão humanizadamente planetária de redes de *locais* pensados e vividos como eventos-moradas dos Seres Humanos, o mais possível irmanados com todos os outros Seres da Vida com quem compartilamos uma mesma Nave-Casa: A Mãe Terra.

E solidários entre nós e com a Vida, que sejamos bem mais os “Irmãos do Universo” do que os “Donos da Vida”. E, se assim for, tudo o que se coloca diante de nós vai bem mais além de uma mera idéia de “desenvolvimento sustentável”. E pode até, no limite, representar uma crítica severa a qualquer padrão de desenvolvimento, em nome de um amoroso “decremento igualitário”.

De outra parte, ao vivermos em um mundo *globalizado* pelo capital e esperançosamente *planetarizável* por obra de uma contra-hegemonia frene a ele, de que modo sentir, pensar e viver uma outra “globalidade”? Como pensar um mundo sustentável e reverdecido, sem começar esta “globalização sustentável” pela Síria. Há quem esteja sofrendo a extrema desumanidade no Oriente Médio? Então o *meu-local* neste momento escancara as suas fronteiras e a distante Síria é um meu local. Um “aqui” de minha vida agora.

2º. Uma política, uma ética, uma estética e uma erótica que sejam caminhos para a educação que aspiramos pensar e praticar – algumas idéias vindas do Sul e desde a Educação Popular

1º. Podemos ousar des-apressar o aprender, e portanto, o próprio ensinar. Ousemos aprender a retardar o *que-saber* para agir funcionalmente, em nome do *como-viver*, para ser e compartilhar a Vida. Podemos substituir a pergunta curricular: “o que uma aluna de quarta série precisa saber para ser promovida para a quinta série?”, por esta outra, a de uma outra pedagogia humanizada: “o que uma criança de oito anos precisa aprender para viver plenamente a experiência única e irrepetível de ser uma criança de oito anos?”.

2º. Se pensamos uma verdadeira educação dirigida ao diálogo, à acolhida do diferente e à redução ou mesmo extinção do desigual; dirigida ao pleno e igualitário respeito aos Direitos Humanos e à realização da paz para e entre todas e todos, devemos começar por abolir ou reduzir tanto quanto possível as competições e as concorrências na sala de aulas e na escola.

A escola não é um estádio e nem a educação é uma olimpíada. Saibamos abolir de nossas escolas, ou ao menos reduzir muito, as premiações excludentes. Lembremos sempre que nos pódios só cabem três. Conspiremos contra os “quadros de honra”, os “primeiros colocados”, “os estudantes de mérito”... e o silêncio cúmplice a respeito de “todos os outros”

Podemos desestabilizar muito, e até mesmo eliminar as competições e as “classificações” de tudo, em nome de uma escola com uma ativa e verdadeira vocação solidária de partilhas e de construções coletivas e não comparáveis em termos de escalas e hierarquias.

Até quando nossas escolas seguirão premiando com preferência os competentes-competitivos destinados ao mercado, e deixando de lado os conscientes-cooperativos devotados a construir no futuro o mundo solidário da vida?

3º. Em termos de conteúdos curriculares, usemos não apenas atualizar, mas repensar tudo. Saibamos partir, por exemplo, de uma outra Geografia e de uma outra História. Uma Geografia fundada num “mundo sem fronteiras” em que o conhecimento crítico e profundo do “Planeta-Terra-em-que-eu-vivo” seja muito mais essencial do que as informações detalhadas a respeito do que apenas existe dentro das fronteiras do “meu país”.

Ousemos construir “histórias mátrias” onde até hoje nos impõem “histórias pátrias”. Até quando nossas escolas serão “museus-ao-vivo” de nossas gloriosas façanhas nacionais, carregadas de reis em seus tronos e de generais a cavalo, em lugar de serem o espaço criativo do aprendizado de como, as pessoas como nós, homens e mulheres da vida-de-todos os dias, criamos e seguimos fundando aquilo que em lugar de “Minha Pátria” seria melhor chamar “O lugar que nós criamos e onde eu vivo entre tantos”. Uma história crítica que em nome de uma busca de mentes e corações abertos à verdade, à justiça, à igualdade entre diferentes, a paz, enfim, dialogue com crianças e jovens a verdade dos fatos e não a eterna mentira dos “nosso feitos”?

Não nos esqueçamos de fazer a crítica da própria origem histórica do surgimento da “escola pública”. Sem dúvida alguma ela foi e segue sendo uma essencial (e tardia) conquista humana. E a sua abertura e o seu aperfeiçoamento devem nos ser uma meta inacabável. No entanto, saibamos não esquecer que a escola pública em sua feição moderna surge aqui na Europa no século XIX. Surge em meio a estados-nação em constantes guerras uns contra os outros. Surge na Prússia, o mais militarizado dentre os países de então. E surge copiando o exato modelo das forças armadas. Apenas nas entrelinhas ela se dedica a formar “cidadãos”. E se os forma, é para gerar súditos leais a uma monarquia ou a uma república necessitada de “homens e mulheres prontos a morrer pela Pátria” e não para construir na paz de um mundo sem fronteiras.

Quando a escola pública chega à Inglaterra, na aurora da “revolução industrial”, os britânicos, menos preocupados com fronteiras e mais com fábricas, derivam uma primeira “educação pública” na direção de formação de operários subservientes, profissionais competentes e empresários ambiciosos e inovadores. Os Estados Unidos darão uma forma final e interativa à escola pública. E entre a Europa e eles herdamos nós, na América Latina, uma “educação oferecida pelo estado” que obriga crianças a se perfilarem todas as manhãs diante de uma bandeira que se hasteia e ao som de um hino que se conta. E tudo o que há nos mapas dependurados nas salas de aulas, para além das “fronteiras-do-que-é-nosso”, são os países dos outros, desconfiáveis, aliados efêmeros e sempre potenciais inimigos.

Ousemos uma contra-história para chegarmos um dia a uma história que a partir dos povos, e não dos governantes, e a partir da aventura da trajetória humana, dialogue na escola a verdade crítica e gêneros da grande e maravilhosa aventura de nós mesmos aqui no Planeta Terra.

4°. Ousemos repensar a pedagogia como a arte de criar, de gerar, partilhar e fazer circular saberes, e não apenas de ensinar-a-quem-aprende. Uma pedagogia como a prática do desafiar a aprender e integrar essencialmente saberes e conhecimentos, e apenas de forma complementar e acessória as *informações*.

Com isto, ousemos retomar a trajetória que vai da *informação* - o que se adquire e acumula sem reflexão e partilha, ao *conhecimento* - aquilo que interioriza em um diálogo reflexivo e crítico com outros, entre e presenças. E do conhecimento ensinado-aprendido através de diálogos, uma trajetória criativa que chega ousadamente ao *saber*, como aquilo que se cria apenas em situações de partilha, e que flui entre todos, sem ser uma posse de ninguém. Ousemos saltar da idéia de aprender como “adquirir e acumular conhecimentos, como um bem e uma posse”, no que a educação mais uma vez copia o mundo do mercado, à idéia de um ensinar como uma troca e de um aprender a saber como um dom. Como algo que somente vale quando vivido no “local do entre-nós”, como algo que, construído *por-nós*, é diferenciadamente partilhado por igual *por-e- entre-todos-nós*.

5°. Algumas antigas palavras, ricas e costumeiras em meus tempos de estudante, parece terem perdido o seu valor e esquecido o seu sentido original. Confesso que tenho dúvidas se em nome de uma educação humanística e voltada a formar pessoas sensíveis, sábias e solidárias, elas deveriam retornar ao nosso imaginário e aos nossos projetos. No entanto, em tempos de um crescente domínio funcional e rasteiramente utilitário sobre a educação, uma contra-ofensiva deve ser realizada não apenas em termos de “salvar o que ainda é possível”, mas em nome de criar e difundir solidariamente “uma outra educação”.

Em nome de uma inevitável contra-ofensiva, ousemos recolocar o foco da educação naquilo que até a algum tempo atrás era chamado de: “sentido de vida!”, “espiritualidade”, de “vida interior”, de “busca pessoal e interativa do bem, do belo e do verdadeiro”.

Retomo uma idéia já escrita linhas acima. Devemos relativizar muito a tendência crescente a funcionalizar a educação para apenas capacitar o *indivíduo competente-e-produtivo*. Devemos esta ousadia em nome de re-humanizar a educação para formar a *pessoa consciente-criativa*. Neste sentido, uma resposta à colonização utilitária da educação, somente pode vir de uma corajosa densificação do ensinar-e-aprender. Não podemos responder a metodologias e conteúdos funcionais e desumanizadamente pragmáticos, com respostas diferentes, mas realizadas num mesmo nível de pressa, de superficialidade e de mera funcionalidade.

Se há uma educação que pretende tratar nossas crianças e jovens como robôs ou mesmo como máquinas, saibamos responder afirmando quem elas e eles são seres destinados a serem filósofos, sábios e poetas.

6°. Podemos levar estender algumas inovações entre a ciência, as artes e a educação para além do meramente “transdisciplinar”. Em nome de uma educação de “escuta do Outro’ e de diálogo em círculos ampliado de “entre nós”, podemos tender a uma educação crescentemente vocacionada a abrir-se ao “todo’ e ao interativamente complexo da “sabedoria do Mundo”.

Saibamos levar mais a sério a proposta de uma educação multicultural, e ir com até além de seu suposto ponto limite. Ousemos chegar com nossos estudantes a um lugar de efetiva fronteira-de-diálogo entre os saberes-de-ciência (ocidental e acadêmica) e os saberes-outros.

Aprendamos a realizar isto a partir do pressuposto de qualquer outro saber, proveniente de qualquer outra cultura, é não tanto uma “forma curiosa e interessante de pensar e viver”, mas é uma outra fonte original, interativa e complexa de um “saber do Mundo” e de um peculiar compreensão do dilema do humano. Sistemas de saberes apenas diferentes, e em nada desigualmente “menores” do que o que culturas eruditas do ocidente produziram. Entre a educação popular, as políticas públicas de educação de povos originários e outros povos (no caso do Brasil, comunidades camponesas tradicionais, comunidades quilombolas, comunidades de povos da floresta e outras mais) estamos na América Latina pouco a pouco quebrando fronteiras e nos abrindo não apenas a sistemas de educação-do-outro crescentemente abertas aos seus próprios saberes e sentidos de vida, mas também aprendendo que os sistemas de saber e sentido de tais povos originários contém “segredos” que colocam os seus sábios e os seus mestre em um absoluto pé de igualdade com aqueles que ostentam diplomas universitários de “alto nível”.

Afinal, os conhecimentos das ciências de Cambridge e de Nova York ameaçam mais a nossa felicidade e a nossa sobrevivência no Planeta Terra do que o saberes dos nossos camponeses e dos povos Aymaras e os Guaranis.

7°. Não se trata apenas de lutarmos por outras, inovadoras e humanizadora “políticas de educação”. Trata-se de resgatar a vocação política da educação em sue sentido mais verdadeiro, radical e pedagógico. Esta premissa que Paulo Freire retoma e radicaliza, deve voltar a ser um fundamento essencial da educação. Não educamos crianças e jovens para apenas se adaptarem a um mundo já existente. Isto é o que fazemos com cães e gatos. Formamos através de uma educação ousadamente crítica e criativa, pessoas conscientes para virem a ser os agentes das transformações de si-mesmos, de seus-outros e de suas sociedades.

No seu sentido mais radicalmente humano e, por isto mesmo, mais realisticamente transformador, ousemos recolocar a política no centro do que se vive na escola. Primeiro dando a *político* o seu sentido original de "cuidado da polis", de corresponsabilidade pela gestão coletiva e amplamente participativa nos destinos de grupos humanos locais, de comunidades, da cidade, da nação e de todo o mundo.

Depois, alargando o sentido de política até a fronteira da nossa corresponsabilidade – e a de nossos e de nossas estudantes - na partilha do processo de transformação de pessoas para criar, também a partir da escola e desde a infância, seres humanos com um sentimento, um saber e uma assumida vocação de liberdade e de autonomia, logo, de uma ativa participação e cogestão solidária nos processos de transformação de nossos mundos de vida e de destino.

Sabendo que o desafio desta linha em diante talvez seja mais aplicável à América Latina e a outras nações e povos do “Terceiro Mundo”, mas talvez ele valha também para uma Europa onde as pessoas situadas “na linha da pobreza” aumenta (como em todo o chamado “Primeiro Mundo”) e que se abre a acolher milhares, ou milhões de refugiados da África e do Oriente Médio.

Vivemos há muitos anos uma educação que acredita ser o “povo”, serem as classes e os movimentos populares, os agentes centrais e prioritários em todas as ações políticas e sociais de emancipação diante do sistema neoliberal hegemônico. Ampliamos muito, entre 1960 e 2015, o sentido de quem seja “o povo”. Hoje compreendemos que esta palavra pode e deve ser estendida a todas as pessoas que, unidas a projetos de emancipação humanizadora de

sociedades e povos caminham por um mesma trilha e em direção a um mesmo horizonte. No entanto, permanece presente e ativo o princípio de que “desde los de abajo” haverá de vir o que esperamos que venha. E antes de haverem sido ditas um dia por Carlos Marx, por Fidel Castro e por Paulo Freire, elas foram ditas profeticamente por um homem do passado, chamado Jesus Cristo.

8°. Algumas palavras ao mesmo tempo proféticas, esperançosas e pedagogicamente presentes no documento de convocatória a este Encontro, como: “consciência global”, “políticas educativas”, “desenvolvimento”, “sustentabilidade”, “cidadania” “direitos humanos”, “paz”, e a proposta de “l’educazione come motore di sviluppo sociale, culturale, econômico e ambientale”, podem ser de fato, em suas interações, palavras geradoras de um novo e inovador “projeto global de educação e de escola”. Mas podem também cair sob o domínio da colonização utilitária das políticas globalizadas do mundo do mercado, e perderem então a sua força e o seu vigor transformador.

Ora, na América Latina estamos agora empenhados em nos perguntar, em descobrir, em implementar e colocar em prática, algumas alternativas contra ou anti-hegemônicas que de forma concreta, a partir do cotidiano de pessoas que vão de professores universitários a camponeses em luta pela terra, possa interativamente se constituem em forma reais e multiplicáveis de “um outro modo de vida.

Por todo o mundo pessoas, grupos humanos, comunidades e redes, empenham-se agora em compartilhar e ampliar experiências centradas na descoberta de como saltar de uma vida, assumidamente ou não, submetida aos valores, às regras e à lógica do “mundo do mercado”, para uma outra, criativamente aberta à partilha do/no “Mundo da Vida”

Em nome desta real possibilidade, podemos ousar trazer – finalmente – para o coração da educação, contra-valores diferenciadamente centrados na *abertura ao Outro*, na *partilha generosa de tempos, de serviços e de bens*, na escolha assumida de uma *simplicidade voluntária*, na *economia solidária*, na *agrosilvicultura*, na *agroecologia*, na *cotidianidade social e política* (logo, educativa) da abertura ao diferente e do *diálogo*, na vocação concretamente *altermundista* dirigida à construção de vidas, culturas e mundos de paz.

Por outro lado, em nome de uma sempre possível concretização de modos de vida alternativos e de práticas sociais emancipatórias, devemos aprender a calar as vozes brancas e do Ocidente, para ouvirmos vozes outras, vindas do Oriente, da Cordilheira dos Andes ou da Floresta Amazônica, e que há anos, ou mesmo há séculos nos sussurram que, em direção a um futuro “outro mundo possível”, existe diante de nós, para hoje, aqui-e-agora, outras alternativas pessoais, sociais, locais e globais de modos de vida.

De um misterioso e montanhoso país de milenar tradição budista, surge a proposta – concretamente realizada lá – de substituir o PIB (produto interno bruto) pela FIB (felicidade interna bruta). E esta passagem de PIB a FIB é bem mais do que uma simples e inocente troca de indicadores do que se produz através do trabalho humano. Procurem conhecer. Procurem aplicar.

Logo nas primeiras páginas deste escrito falei de alternativas pessoais e coletivas de vida centradas em outras formas não apenas de viver, mas de “viver bem”, de “bem viver”, tal como as praticam, e agora nos revelam, povos andinos. De algum modo quase todas as concretas alternativas de “um outro modo de vida” a ser também dialogado através de uma

“outra educação”, estão contidos nas tradições andinas do *Sumak Kawsay*, da *Suma Qamana* e do *Balu Wala*.

O que defendo aqui é que ao lado de políticas e práticas de educação – e para além dos amplos e não raro distantes objetivos de uma educação emancipatória e humanista – estamos hoje em dia próximos a várias e diferentes alternativas de vida, de partilha da vida e de ações sociais de teor político que tornando realizáveis, aqui-e-agora, os ideais mais amplos que aqui defendemos. Um exemplo simples do que digo: como pensar em uma ampla “vocação cidadã” sem associar a ela a busca de uma vida cotidianamente centrada na economia solidária? Outro exemplo. Como propor uma “educação dirigida à criação de culturas de paz”, mantendo como ideário e currículo escolar uma visão anti-altermundista, centrado no-culto-da-minha-pátria? Afinal, se há quem sofra na Síria, a minha Pátria é lá!

9º. Com um tanto mais de humana radicalidade, creio que em uma proposta ousada com a deste Encontro em Trento, devemos pensar uma educação mais corajosamente contrária aos modelos que nos são ainda impostos. Assim, saibamos desvestir a educação que propomos das máscaras utilitárias em que ela aparece como algo que apenas de leve humaniza e integra valores e fatores de uma política educativa ainda no todo ou parte dominada pela lógica do mundo dos negócios e destinada a reproduzir e reforçar o poder do capitalismo.

Desde as práticas do cotidiano, usemos pensar os termos concretos e as ações destinadas a criar experiências de educações contra-hegemônicas e, portanto, de vocação emancipadora. Usemos romper com a lógica do modelo empresarial e estabelecer uma educação capaz de gerar pessoas não destinadas com prioridade à busca de realização- de si-mesma no descobrir “o meu lugar no mercado”, mas vocacionadas a procurar “o meu lugar” na construção sociedades crescentemente voltadas aos valores essenciais da pessoa humana e do mundo onde todas e todos possam caminhar em direção ao nosso destino: uma compartilhada e solidária felicidade.

10º. Saibamos retomar a educação em direção a uma vocação de fato e no cotidiano não apenas “sustentável”, mais pessoal e culturalmente mais “natural”. Em um tempo em que as telas e as conexões eletrônicas parecem deslocar a realidade do “Mundo da Vida” do vivencial para o virtual, usemos retomar os caminhos da experiência-vivida-da-natureza. Talvez tenha chegado o momento de pensarmos – entre tantas teóricas inovações didáticas – se a escola não deveria voltar-se mais a ser parecida com um “acampamento de escoteiros” do que com um “laboratório de internautas”. Mãos que juntas plantam árvores poderão salvar o planeta mais do que dedos que teclam no computador mensagens ambientalistas em favor da Amazônia.

E esta “abertura ao Mundo da Natureza” pelos caminhos de uma sempre crescente “abertura ao meu Outro”, tem no seu interior mais profundo um sentimento que uma palavra algo esquecida hoje em dia nas políticas de educação, precisa com urgência retornar a elas. A elas e a nós. E a nossas escolas e salas de aula. E, para além delas, a cada momento de nossas vidas.

E esta palavra é *amor*.

Sobre o amor: algumas palavras para concluir

Trago aqui um outro latino-americano. E para sobre o amor não trago um teólogo, um filósofo ou mesmo um educador. Trago a este final de meu depoimento para esta Conferência em Trento, um biólogo.

Tenho escrito em alguns artigos meus que a meu ver - e não estou sozinho nisso - que não somos humanos porque somos seres racionais. Somos humanos porque somos aprendentes. Porque somos seres “sempre aprendentes”. Porque somos uma espécie de Ser Vivo aberto a um aprender sem limite e ao longo de toda a vida.

Humberto Maturana, um biólogo chileno vai mais além. Em vários livros seus ele insiste em que não somos seres originalmente regidos pela razão. Somos, os humanos, seres da emoção. E, falando ainda como um biólogo, ele afirma que em nós, os humanos, a emoção dominante é o amor. Somos orgânica e historicamente seres originados ao amor e destinados a ele. Convido quem me ouça ou leia a conhecer os livros de Maturana, inclusive um que ele escreve como uma educadora, também chilena: Sima Nisis de Rezepka: *formação humana e capacitação*.

Somos seres do amor e os seus opostos, como a indiferença, o ódio, a intolerância, enfim, o des-amor, não é o nosso natural “outro lado”. Para Maturana, tudo em nós que não é a “emoção do amor”, é a nossa fala, a nossa doença.

Estaremos dialogando em Trento ao redor de palavras como: paz, direitos humanos, respeito à diferença, compromisso com a vida, acolhida do outro, desenvolvimento, sustentabilidade, educação global e tantas outras. Quero terminar este depoimento lembrando que todas estas palavras e até mesmo outras, mais afetivamente assertivas, são apenas as portas e as janelas de uma grande casa cujo nome é... amor.

Livros e escritos lidos e consultados

BRANDÃO, Carlos Rodrigues

A educação popular antes e agora - Lembranças de ontem, perguntas de agora

Dossier – Revista del Ilce/32, 2014, Buenos Aires

BRANDÃO, Carlos Rodrigues

Educação Pública, educação popular, educação alternativa e educação do campo

Documento inédito

FREIRE, Paulo

Pedagogia do Oprimido

1970, Editora Paz e Terra, São Paulo

Recentemente o Instituto Paulo Freire junto com outras instituições publicou pela primeira vez uma edição fac-símile do original do *Pedagogia do Oprimido*, escrito no exílio.

GADOTTI, Moacir

Pedagogia da Terra

2000, Editora Fundação Peirópolis, São Paulo

HUANCANI, Fernando

Paradigma ocidental y paradigma indígena originário

In: *América Latina em Movimento*, n. 452, ano XXXIV, II, Épocal, 2014

IBAÑEZ, Alfonso e AGUIRRE, Noel Ledezma

Buen vivir, vivir bien – uma utopia em proceso de construcción,

2013, Ediciones Desde Abajo, Bogotá

MATURANA, Humberto e REZEPKA, Sima Nisis

Formação humana e capacitação

2005, Editora VOZES, Petrópolis

MEJIA, Marco Raul

Educación popular en el siglo XXI

2015, Ediciones Desde Abajo, Bogotá

TORRES, Alfonso Carrillo

La educación popular – trayectoria y actualidad

2012, Editorial el Buho, Bogotá

Anexo

Algumas crenças como fundamentos de uma política de educação capaz de transformar o local em nome de uma humanidade planetária em dimensão global

Se sonharmos unificar em um repertório ao mesmo tempo simples e aberto o bastante para recobrir nossas convergências e diferenças como educadores, a partir do ideário da *educação popular*, ele poderia ser desdobrado nos seguintes fundamentos.

Primeiro

Crer na pessoa. Acreditar na pessoa humana e em seu destino de fazer-se mais humana ao longo de cada vida individual e ao longo da trajetória do Ser Humano no Planeta Terra.

Frente ao avanço de imaginários hegemônicos que constituem o mercado do capital como o território central das relações sociais e constitui o indivíduo competente e competitivo como o seu autor e ator central, praticar uma educação centrada no valor e no primado da pessoa humana. Quem quer que seja, qualquer ser humano é, em si mesmo e sem mediações, o ponto de origem, o valor de sentido e o

destinatário de uma educação vocacionada não a capacitar o indivíduo para o-mercado, mas a pessoa para a vida social.

Qualquer que seja o estilo de um governo e a vocação de uma sociedade, a pessoa humana é sempre o seu sujeito e a sua razão de ser. A pessoa constitui um valor irredutível em si mesma, e todos os projetos e todas as políticas sociais devem ter cada pessoa humana e todas as pessoas de um povo ou de uma nação como sua destinatária essencial.

A pessoa humana e nunca um poder de estado, o mercado ou qualquer coletividade imposta a ela, é o sujeito essencial da educação. Assim sendo, a educação da pessoa deve ser o trabalho através do qual, acima e além de qualquer outra instância social, o ator e o autor livre, autônomo, crítico, criativo, solidário, cooperativo e corresponsável pela construção de sua vida, de seu destino e do seu coletivo mundo de vida e destino.

Dirigida a promover transformações, mudanças sociais e desenvolvimento, a educação deve centrar no desenvolvimento humano e não no desenvolvimento econômico o eixo de sua ação pedagógica.

Segundo

Crer em nós. Crer em nós mesmos. Crer em nós próprios.

Um dos fundamentos da educação popular é a crença substantiva em nós, em nós mesmos e no “entre-nós” que solidaria e ativamente criamos quando nos unimos.

Não somos educados para nos subordinarmos a uma ordem social pré-existente e, em termos atuais, imposta a nós e colonizadora de nossos saberes, significados, sensibilidades e sociabilidades. Mutuamente nos ensinamos-e-aprendemos para sermos em cada pessoa e em nossas autônomas e solidárias coletividades, os agentes de transformação de nossas vidas e de nossos mundos de vida.

Para além de uma educação humanista mais tradicional, a educação popular não objetiva apenas formar pessoas “em sua eminente dignidade” como senhores de direitos e sujeitos de deveres sociais. Ela vai além e se propõe crítica e criativamente formar pessoas e coletividades de atores inconformados e de agentes ativos de processos crescentes e perenes de emancipação social.

Instanciais do poder de estado ou outros podem supletivamente associar-se ao trabalho emancipador de atores e autores pessoais e coletivos de emancipação. Mas cabe a nós e a não a qualquer outra instância pretensamente “superior” a pessoas e a coletividades de pessoas livres a tarefa de construir, conduzir e consolidar práticas de emancipação contra-hegemônica.

Terceiro

Crer na história e no sentido convergente, personalizante, socializante e espiritualizante da história humana.

A despeito de todas as teorias que acreditam ou apostam no fim das ideologias de transformação de pessoas e mundos, e que decretam o fim da história humana e de seus atores – sujeitos e atores pessoalmente humanos – devemos crer que o de existir individual e coletivamente como um ser não apenas “na história” ou “da história”, mas como um coparticipante de cada momento de construção de seu tempo na história, é um outro fundamento de nossa própria existência aqui na Terra. Somos de fato autores e atores de nossas vidas e destinos. Sejam os aqueles e aquelas a quem compete não

apenas “seguir o curso da história”, ou simplesmente dedicar-se a estudá-la e criar boas “narrativas” a seu real ou ilusório respeito, mas as pessoas detinadas vivê-la como a mais difícil experiência coletiva a ser desfiada e construída: a nossa história.

Devemos acreditar como educadores que possuir um sentido de origem e nos desafia a um trabalho de solidária construção a trajetória da aventura humana na Terra, que há milhões de anos nos fez descer de árvores e, passo a passo, entre tropeços e acertos, no fez chegar a este momento que historicamente compartilhamos.

A afirmação da vocação histórica a uma perene transformação sempre mais humanizadora da vida e da história permanece como a o “sinal de nascença” e a assinatura de identidade da educação popular. Através de seus serviços a comunidades sociais tradicionais, associações e movimentos populares, ela deve seguir sendo uma alternativa a mais em processo integrado, interativo e socialmente radical de transformação das estruturas de poder, de gestão da economia e de vida social de nossas sociedades ainda colonizadas pelo poder do capital e do mundo do mercado.

Mais do que talvez em outros momentos da história humana, vivemos um momento de transição em que nossas ideias, ideais e práticas ou se dirigem a um simples regulação do “sistema mundo” e sua hegemonia colonizadora, ou se dirigem a ideias, ideais e ações de emancipação diante dele e frente a ele. Uma tendência nega um sentido de realização humana ao longo da história. A outra afirma as ações humanas de sempre superação de si-mesmo, como o próprio acontecer de uma história que ao construir faz com que cada um de seus atores se construa a si mesmo como uma pessoa.

Quarto

Acreditar que sendo um crítico criativo da “pós-modernidade” em que pensa, aprende atua e vive, o *educador popular*, por isto mesmo, não deve apenas vivê-la criticamente. Deve sair de seu “lugar acadêmico” e partir em busca do “lugar de raízes”, os universos populares para com eles envolver-se em alguma frente de ação social e dedicar o melhor de seu tempo a somar-se com tantas e tantos outros que, malgrado a desesperança de muitos em alguma ainda meta. Os que olham mais além e conseguem ver que este mundo instrumentalmente globalizado não é aquele destinado a ser a morada de seres humanos vocacionados a serem livremente solidários e ativamente participantes do que seja necessário, viável e até mesmo utópico. Sigamos acreditando no que gritamos pelas ruas, e não apenas durante os nossos *fóruns sociais mundiais*: “Um outro mundo é possível”.

E saibamos acreditar que pelo Mundo inteiro e em cada local onde vivemos, cabe a cada um, a cada uma de nós, às nossas pequenas comunidades utópicas, às nossas redes espalhadas por todo o Planeta Terra e à multidão de pessoas provenientes sobretudo dos povos originários e dos excluídos da terra, a vocação de tornar real este mundo por agora idealizado e sonhado.

Quinto

Existe um critério absoluto para determinar a qualidade de uma mudança ou transformação social: ela deve ser sempre humanizadora. Deve representar sempre e de maneira irreversível um acréscimo de valor humano. Um aumento de condições através das quais as pessoas e todas as pessoas da vida social possam viver cada vez mais uma vida plena e feliz. Isto é: uma vida de qualidade, criativa, livre,

corresponsável e solidariamente partilhada em uma sociedade justa, democrática (de fato), igualitária, multicultural, não excludente, justa e aberta à constante mudança.

Em uma sociedade onde a imensa maioria das mulheres e dos homens pertence às camadas sociais populares, não apenas por isso são as pessoas do povo aquelas a quem devem ser destinados recursos e projetos que reverterão a sua própria condição de pobreza, exclusão e marginalidade. Mais do que isso, pessoas das camadas populares devem se tornar os próprios agentes ativos e críticos de sua formação, da transformação de suas culturas (modos de ser, de viver, de sentir, de criar e de pensar) a partir delas próprias e de seus valores e tradições, e em direção à transformação da própria vida social que constroem com seus saberes e trabalhos.

Em toda a pedagogia de Paulo Freire a educação deve ser uma ação cultural transformadora, sempre em todas as dimensões e em direção a um constante processo de humanização.

Sexto

Acreditar no saber original que habita o coração e a mente de toda e qualquer pessoa. Crer que cada pessoa, quem quer que seja, é em si mesma uma fonte original, preciosa e irrepetível se seu próprio saber.

Crer na vocação humana ao diálogo, à partilha, à troca de seus dons, à solidariedade. Crer nesta vocação como o fundamento do que nos faz sermos seres humanos; seres conectivos (esta é uma palavra muito cara a Paulo Freire), recíprocos e, portanto, seres do aprender-a-saber. Crer que não somos humanos porque somos “racionais”, ou porque somos “seres políticos”, como em Aristóteles. Somos humanos porque somos “seres aprendentes”.

Quem quer que sejam as pessoas, sempre a sua verdadeira vocação é a abertura ao encontro com o outro no diálogo entre seres iguais, livres e responsáveis por si mesmos, pelos outros e por seus mundos de vida e de trabalho. Cada ser humano é uma fonte de vida, de experiências pessoais e de saberes próprios que a torna única, como uma fonte original de valor e de conhecimento. Todo o saber, todo o aprendizado e toda a ação social entre pessoas devem realizar-se sempre como vivências interpessoais e culturais de diálogos. E o fundamento do diálogo entre as pessoas não é outro senão o amor.

Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. ... Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico⁸.

Não somos apenas mentes que adquirem e acumulam informações e conhecimentos para permanecermos como sempre fomos. Somos sempre seres que transformam o que aprendem e conhecem em formas pessoais e dialógicas de consciência. A formação de consciências autônomas,

⁸ Está na página 94 do livro mais conhecido e importante de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*. Ele foi publicado pela Editora Paz e Terra, de São Paulo, em 1970. Existem várias edições posteriores e inúmeros artigos e livros que de um modo ou de outro comentam as ideias contidas no livro.

críticas, criativas e amorosamente dialógicas é a razão de ser do aprendizado. E esta forma de aprendizado deve ser a razão de ser da educação. Pessoas não aprendem apenas para serem capacitadas através da informação. Aprendem para conhecerem. Pessoas não aprendem apenas para acumularem conhecimentos, mas para continuamente processarem saberes ativamente adquiridos como reconhecimento pessoal e interativo de si mesmas, dos outros e do mundo. Conheço quando faço parte do que é conhecido. Conheço conscientemente quando penso por conta própria e responsabilmente qual o sentido humano do que estou conhecendo.

Uma das decorrências de uma mente consciente através do aprendizado em uma educação libertadora é a consciência de que o mundo em que vivemos foi e segue sendo construído por ação de pessoas e de grupos humanos. Ele é uma criação humana, e se em um momento de sua história não corresponde a como deveria ser uma sociedade livre, justa e fraterna, cabe às pessoas que nele vivem, a partir das pessoas das camadas populares, realizarem a sua transformação. Aprendemos não somente para nos transformarmos continuamente, mas para transformarmos também o mundo em que vivemos.

Sétimo

Crer e assumir que existe um poder emancipador, libertador e, portanto, humanizador no saber e na construção e na partilha do saber, logo, na educação.

Em interação com outras práticas e processos emancipatórios a educação popular pretende ser uma alternativa efetiva de poder. Acreditamos que o poder emancipador da educação e, em nosso caso, da educação popular será possivelmente o mais efetivo e persistente entre todas as práticas sociais emancipatórias.

Fundamos esta crença no fato de que uma educação popular derivada de uma pedagogia crítica e como uma entre outras práticas de emancipação, atua sobre as mentes, os espíritos e os corações das pessoas. Pensamos que a tarefa do educador popular não será apenas o de aprimorar pessoas através do conhecimento e da sensibilidade, mas, para além deste propósito, transformar pessoas em suas consciências, afetos e ações, através da inter-troca e da mútua construção de novos saberes, sentidos, significados e vocações de sociabilidade.

Entre educadores de vocação popular gostamos de repetir estas três frases que se seguem e completam: *A educação não muda o mundo. A educação muda pessoas. Pessoas mudam o mundo.*

Oitavo

Acreditar que em um mundo globalizado e de vocação planetária, somos cada vez mais responsáveis não apenas pela “presença humana na Terra”, mas por todos os Seres Vivos e pela própria Terra, enquanto um Planeta, um Ser Vivo em si mesmo.

Nono

Crer no poder da educação para inovar, criar e transformar, em direção a uma emancipação frente à hegemonia do sistema capitalista neo-liberal, em nome do *Mundo da Vida*, na contra-corrente dos que usam a educação para colonizar, preservar o status-quo e o domínio do *Mundo do Mercado*.

E que Paulo Freire encerre esse ideário da educação popular:

Os profetas são aqueles ou aquelas que se molham de tal forma nas águas da sua cultura e da sua história, da cultura e da história do seu povo, dos dominados do seu povo, que conhecem o seu aqui e o seu agora e, por isso, podem prever o amanhã que eles mais do que adivinham, realizam.

Eu diria aos educadores e educadoras, ai daqueles e daquelas que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar.

Ai daqueles que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora, se atrelam a um passado, de exploração e de rotina⁹.

⁹ Devo também a Moacir Gadotti esta lembrança de Paulo Freire, ao final. Ela está em seu livro ***Pedagogia da Terra***, publicado pela Editora Fundação Peirópolis, São Paulo, 2000.